

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Imagens da noite: ensaios sobre raça e racialização

Virginia Helena Ferreira da Costa

<https://doi.org/10.1590/0101-3173.2026.v49.n2.e026007>

Submetido em: 2026-06-25

Postado em: 2026-06-25 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

DOI: 10.1590/0101-3173.2026.v49.n2.e026007

Resenha: GALDINO, Victor. *Imagens da noite: ensaios sobre raça e racialização*. GLAC edições, 2024. 256 p.

Virginia H. Ferreira da Costa

Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo – SP, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9287-4634>

E-mail: virginia.costa@usp.br

Nota editorial: Este manuscrito foi aprovado para publicação na revista *Trans/Form/Ação* e encontra-se em preparação editorial. A versão de registro será publicada posteriormente pela revista.

Resumo: O texto analisa *Imagens da noite – ensaios sobre raça e racialização* (2024), de Victor Galdino, destacando sua proposta filosófica de pensar a raça como uma forma imaginal, distinta dos processos de racialização e dos sujeitos racializados. A obra adota uma escrita ensaística e experimental, articulando perspectivas epistemológicas, estéticas, psicanalíticas, políticas e históricas para investigar como a raça opera como tecnologia de gestão que desumaniza e produz sentidos. Ao longo do texto, Galdino dialoga criticamente com Fanon, Hartman, Rancière, Mbembe e o afropessimismo, questionando concepções essencialistas, a centralidade da violência e a melancolia ligada aos arquivos da escravidão. O autor propõe deslocar o foco da identidade fixa para a multiplicidade e o devir dos seres racializados, defendendo uma ontologia crítica orientada à abertura, à imaginação e à abolição da raça enquanto forma. A leitura enfatiza a coerência entre forma e conteúdo, bem como as tensões e limites da proposta.

Palavras-chave: Raça, Forma imaginal, Estética.

Introdução

Imagens da noite – ensaios sobre raça e racialização – lançado em 2024 pela GLAC edições – é um livro impactante por diversos motivos: diante de sua postura crítica vislumbrada nos embates assumidos ao longo do texto, à primeira vista, parece fácil localizar a posição intelectual do autor, Victor Galdino (professor de Filosofia da PUC-Rio, com especialização em estética, além de tradutor com formação em psicanálise). Contudo, o que dificulta para a pessoa leitora a definição de qual caminho argumentativo o autor tomará a cada momento envolve a sua abertura, sobretudo, psíquica: aquilo que lemos no livro, muitas vezes, constitui torrentes ritmadas de pensamentos, havendo um

respeito pelo andamento associativo de ideias que parecem girar, como uma constelação (ou um arquipélago, como veremos), em torno de um objeto. O que Galdino parece fazer em seu livro são tentativas de aproximação a uma forma que é imaginal e, ao mesmo tempo, efetiva; como ensaios de vislumbres que contornam algo nada claro e de difícil acesso; exercícios que procuram exprimir a noção de raça separada dos seres racializados, do racismo e da escravidão. Por isso, os cinco capítulos do livro se apresentam a partir de múltiplas faces do problema: a raça é analisada de modo epistemológico, estético, psicanalítico, cosmológico, linguístico, político, histórico e geográfico.

Compreender tal investigação peculiar torna-se, igualmente, uma investigação peculiar. Se sua proposta é trazer uma nova imaginação crítica à forma imaginal da raça, a formatação do livro é coerente com seu conteúdo, sendo repleta de experimentações que tornam a sua leitura uma reflexão filosófica viva. Com isso, a pessoa leitora fica deliciosamente perdida no abismo entre o pensamento do autor e sua composição intelectual herdada, um modo de questionar, desde o início, as fronteiras entre distintos polos autorais. Como expõe em seu “Prólogo extraordinário”: “não apresento mais o pensamento de outras pessoas, mas o meu, com toda a impropriedade que dizer ‘pensamento’ e ‘meu’ na mesma frase pode carregar.” (Galdino, 2024, p. 7)

1. Epistemologia racial

O capítulo fornece as bases para a proposta ontológica central do livro de apresentar uma humanidade em devir respondido sob tensões. Para tanto, ele deve, primeiro, livrar a raça do humano da rigidez passiva de sua forma e seu conceito. O livro começa em um lugar comum – oposição entre mito e realidade –, mas ressalta logo que a facilidade de tal análise é apenas aparente. Afinal, raça seria um mito inventado e imaginário, mas que tem fortes efeitos na realidade. Na raça vemos operacionalizada a ontologia popular de um ser-imaginário, uma vez que mito e realidade se atravessam sob tensão, sem se constituir em unidade. Minha primeira observação crítica é notar como o terreno de investigação é, se quisermos falar kantianamente, da estética transcendental – da forma imaginal raça situada entre o percebido e o pensado –, mas operacionalizada em uma abordagem crítica, o que, por sua vez, o aproxima de Max Horkheimer e Theodor

W. Adorno em *Dialética do Esclarecimento*¹ – embora o peso de análise recaia muito menos no sistema socioeconômico capitalista, como será visto em capítulos posteriores.

Seguindo perspectivas estético-políticas decorrentes do ambiente kantiano, como as de Cornelius Castoriadis – “experimentamos o real como o que imaginamos sobre o real” – e de modificações derivadas de Jacques Rancière – “partilha colonial do sensível” –, Galdino se move na paisagem estética da realidade demonstrando como a raça seria uma criação instituinte sustentada por uma teia de significações que vinculam imaginal ao não-fictício. Se desde a primeira crítica de Kant, a imaginação apenas organiza os dados nas formas de espaço e tempo, de modo que o conteúdo é abordado conceitualmente pelo entendimento, em Galdino a imagem não aborda apenas a forma fenomênica, mas ganha realidade empírica, de forma a admitir a contradição na realidade – algo rechaçado por Kant na dialética. Assim, a estética passa de transcendental para empírica, de modo que a raça como forma imaginal de Galdino seria uma ação defensiva e crítica de definir os limites fixos de uma figura na materialidade.

Para tanto, a forma imaginal tenta estabilizar fronteiras de outrificação para fins de gerenciamento de seres racializados. Contudo, o mais interessante é a assunção de como essa estabilização não é coesa, sendo continuamente falha e incoerente. Assim, nossa análise crítica situa como o debate mais profundo do autor parece ser com determinado ambiente teórico sobre raça de viés hegeliano: Galdino anda lado a lado com a crítica de Hegel a Kant, desmontando a defesa egóica a partir do ser em devir. O importante é, para o autor, sustentar múltiplas formas de fabricação de ser-negro a partir da unidade formal-imaginal raça. O motivo que permite a abertura em devir do ser negro seria justamente a manutenção das suas contradições na realidade, o que, de certa forma, também persegue os limites do conhecimento em Kant: a forma raça não abarca totalmente cada um dos seres sobre os quais recai.

Operando em contradição, a racialização, ao mesmo tempo que conduz à invisibilidade da humanidade de seres racializados, imprime sobre eles outros modos de

¹ “A função que o esquematismo kantiano ainda atribuía ao sujeito, a saber, referir de antemão a multiplicidade sensível aos conceitos fundamentais, é tomada ao sujeito pela indústria. O esquematismo é o primeiro serviço prestado por ela ao cliente. Na alma devia atuar um mecanismo secreto destinado a preparar os dados imediatos de modo a se ajustarem ao sistema da razão pura. Mas o segredo está hoje decifrado. Muito embora o planejamento do mecanismo pelos organizadores dos dados, isto é, pela indústria cultural, seja imposto a esta pelo peso da sociedade que permanece irracional apesar de toda racionalização, essa tendência fatal é transformada em sua passagem pelas agências do capital de modo a aparecer como o sábio desígnio dessas agências. Para o consumidor, não há nada mais a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção.” (Horkheimer, Adorno, 1985, p. 103)

ser-racializado. A estética, que deixa de lado seu aspecto passivo, mas passa a distribuir organizativamente o que não deve ser percebido, substitui parcelas da realidade por criações imaginárias. Chegamos, com isso, a um dos ápices do capítulo (Galdino, 2024, pp. 28-29) com a primeira definição de raça: é a forma que dá sentido ao esvaziamento do ser humano na recusa do ser percebido e no suplemento que deforma os sentidos. A raça é o um, enquanto o ser-racializado é o múltiplo dos modos de ser e, por isso, se estabelece de forma relacional. Raça é a forma, em si mesma desumanizada, que faz aparecer o ser-racializado.

Nota-se, com isso, um posicionamento importante do autor em relação à noção de performatividade das palavras: embora o trabalho filosófico sobre raça se torne possível por meio de conceitos, o próprio do pensamento abstrato é deslocado por Galdino como secundário diante do trabalho imaginativo. Isso quer dizer que, no esquematismo entre entendimento e imaginação, as formas desta ganham proeminência sobre os conceitos do entendimento. Por conseguinte, a linguagem não aparece como condição de possibilidade da raça, de modo que o performativo da linguagem poderia ser entendido como o processo de manutenção de algo instituído anteriormente no vínculo imagem-empíria.

Contudo, questiono: sendo filosófico o nosso campo de análise, seria efetivamente possível fazer essa separação entre o abstrato e o empírico quando nos servimos da descrição conceitual? Estética, sendo um campo de saber expresso pela linguagem, seria uma *descrição* sobre a imagem, e não substitui a imagem em si. Embora a raça seja uma experiência de origem estética e imaginária, descrever filosoficamente tal forma imaginal já embaça os limites de produção da realidade, de modo que a defesa estrita das fronteiras performativas da raça parece constituir uma traição às próprias investidas de apagamento de fronteiras realizadas pelo autor. Talvez tenha faltado conter no livro a explicitação dos motivos de por que “importa mais do que tudo sair dessa ideia bastante comum de que textos têm alguma participação fundamental na produção da raça.” (Galdino, 2024, p. 31)

Embora a problemática merecesse explorar melhor a relação entre entendimento conceitual e forma imaginal, há algo de resolução que aparece no texto. Afinal, o que contribuiria para vincular os campos entre linguagem e estética na produção da raça vem justamente da reflexão, retomada diversas vezes, a partir de Alessandra Raengo, segundo a qual raça seria uma catacrese, ou seja, um mau uso da palavra, um esquecimento comum de que uma palavra é usada como metáfora, um *como se*. O autor nos ensina, então, que o conceito de raça se perde nos duplos abstração/sensibilidade, confundindo-se com

representação. No entanto, minha leitura propõe que, sendo uma forma da imaginação, a raça talvez seja melhor descrita, no ambiente proposto por Galdino, como a mediação ela mesma entre sensível e abstrato: ao menos é isso que as noções de esquema, enquadramento e arquitetura (para falarmos com Denise Ferreira da Silva) nos propõem; isto é, a estrutura que relaciona, e por isso, sustenta tanto as condições de possibilidade de experiência quanto a compreensão lógico-conceitual da realidade. Logo, raça não é um problema derivado da empiria, embora seja vivenciado na realidade como efeito de uma causa estética e, portanto, torna-se mediadora.

2. Sobre espaciamento: da mobilidade à imobilidade do negro como recurso

Após atravessarmos a primeira parte dotada de densa reflexão epistemológica, o autor nos coloca em um ambiente de mais fácil movimentação. Segundo o autor, o segundo capítulo versa sobre o “colonialismo como expansão da própria mobilidade e constrangimento da mobilidade alheia.” (Galdino, 2024, p. 219) Por isso, a raça é pensada como tecnologia tanto de libertação quanto de aprisionamento. Assim, quando esperávamos por uma discussão geográfico-política, somos surpreendidas pela mistura entre psicanálise e política, tom assumido no capítulo inteiro.

O trecho aborda a metapsicologia baseada na topologia mental pensada por Frantz Fanon, bem como nas movimentações possíveis, via economia psíquica, que transformam o cenário mental pretensamente estático. Os efeitos da raça são analisados em suas metáforas da organização da psique que envolve tanto a construção do objeto fóbico-fílico, quanto os seus efeitos de estabelecimento de defesas psíquicas. Por se tratar de um debate psicanalítico, tal análise envolve o desejo de alteridade enquanto motor da movimentação psíquica, este *outro* que, sendo construído como ambivalente, excita e horroriza.

Como ponto alto do segundo capítulo, Galdino atualiza a vigência do mito da democracia racial em ambiente político de implementação de cotas. A denegação operacionalizada no mito da democracia racial continuaria vigente, muitas vezes no momento mesmo de sua denúncia: ao denunciá-lo, este desmascaramento pontual produz uma sensação de que agora, ao antevê-lo, tudo parece estar bem. No entanto, essa sensação de desnudamento e segurança seria falsa justamente por ser insuficiente para dismantelar a violência sobre os seres-racializados: o que se alcança, no máximo, são

momentos de trégua temporária, vislumbres de violência não explícita. Todos, brancos e não-brancos, trabalhando em prol da democratização via políticas representativas e de diversidade, estariam apenas prolongando a denegação da violência racial, cujas fronteiras são continuamente mantidas por meio das próprias políticas afirmativas.

práticas de normalização da violência que se confundem com as práticas de democratização; uma maneira de domesticação que nos traz, na verdade, o não-antagonismo como ponto de partida, a raça sem ódio. (...) Toda abertura que conserva a diferença racial é reencenação e variação do mito. (Galdino, 2024, p. 99)

Um problema apontado na manutenção do mito da democracia racial “é que, se realidade = racismo e irreabilidade = harmonia das raças, perdemos a possibilidade de pensar, na desconstrução dessa oposição binária e bem fronteirizada, o que há de uma na outra.” (Galdino, 2024, p. 91) É por meio dessa co-constituição dos elementos fronteiriços que vislumbramos a noção de universal concreto, isto é, como uma humanidade em devir seria possível para o autor, na obrigação diária de “se fazer, a cada vez, humano.” (Galdino, 2024, p. 86)

No terceiro capítulo, se esperávamos pelo desenvolvimento de uma crítica econômico-política, o que Galdino nos serve em seu lugar é um posicionamento geopolítico. As metáforas geográficas se acumulam na definição da humanidade em devir, de modo que o conceito de devir arquipelágico de Édouard Glissant lhe serve para repensar as noções de local e global sob tensão: em vez da separação dicotômica entre local e global, pensa-se em ilhas reunidas em unidade destituída de centro. Forma ambígua que se sustenta pela proliferação de multiplicidades e relações em movimentos continuamente criativos. Galdino vislumbra as ambiguidades que as camadas de movimento e constrangimento impõem na vivência negra (pós-)colonial.

O ponto alto do capítulo é encontrado na demonstração do deslocamento da posição autocentrada, qualquer que seja: sua procura por outras perspectivas no mesmo lugar ocorre principalmente em interlocução com os seres-racializados como amarelos. Fugindo a hierarquizações de sofrimento e a dissoluções das diferenças na mesmidade, o autor toma partido do diagnóstico de Achille Mbembe:

as violências contra minorias raciais “consolidadas” nos últimos séculos, então, nada têm de diferente, de *essencialmente* diferente das outras violências que desumanizam? E isso importa? Pode-se dizer que, com o devir-negro do mundo, nos desdobramentos pós-coloniais de nossa globalidade, todas essas

violências se tornaram, por questões genealógicas, partes de uma mesma família composta de diferentes elementos reunidos em torno de um vazio, de um esvaziamento – como ocorreu com todas as “humanidades subalternas”. (Galdino, 2024, p. 134)

Diante disso, critico como, na sequência, o debate sobre possibilidades de democratização da universidade, sendo essa uma instituição geneticamente colonialista, é reduzido à imobilidade de sua forma mítica. Em suas palavras:

o que significa consertar algo que, na verdade, opera exatamente como o planejado? E, nesse processo, ao forçarmos uma reforma no que é plenamente funcional, o que acontece, inclusive em termos de uma destrutividade mais ou menos contida? De todo modo, com esse papo todo, o que queria era dizer: se nada disso é *nosso*, por que insistir na mimese? (Galdino, 2024, p. 109)

Em tal genealogia, não podemos discordar que a universidade foi produzida como, e segue permanecendo, uma instituição colonialista, hierarquizada, excludente e assimiladora. Contudo, a minha sugestão é que tal perspectiva seja matizada nesse ponto: enxergar a universidade apenas como um terreno fixado em sua efetivação e, por isso, algo fechado e totalizado seria, a meu ver, retirá-la do campo de disputa de poderes que pode se tornar o mais adequado para essa análise. Se as posições estruturalmente inferiorizadas fazem relações *outras* para além do imposto hegemonicamente, como dito pelo próprio autor, elas o fazem em todas as instituições que habitam, inclusive na universidade. Criar lugares alternativos de poder é sempre possível, assim como reconhecer aqueles que estiveram em atuação desde nossa organização colonial nacional. No entanto, há de se considerar a impossibilidade de vivências escaparem completamente às normas hegemônicas, de modo que a instituição de seres-racializados ocorre tanto dentro quanto fora da academia – o próprio Galdino nos diz que “toda ruptura mais intensa é farsa.” (Galdino, 2024, p. 156)

Quanto a isso, não se pode esquecer, sobretudo, do cenário material a ser considerado: o ensino superior (principalmente público) continua tendo impactos importantes na ascensão social de camadas pauperizadas da população, embora tal processo não seja uma garantia imediata. Se, de um lado, a experiência universitária para seres-racializados constitui uma vivência de frustração, sofrimento e reprodução de violência, é inegável que há também espaços de reflexão crítica, encontros de perspectivas, movimentações e excessos para além do imposto pela norma hegemônica. Proponho que a instituição universitária seja vivida hoje sem vitimismos, como aprendi

com o próprio Galdino: mesmo na situação de dominados, há de se exercer o poder de dar e receber formas, de se desprender das formas dadas. Não à toa, o livro de Galdino é, em parte, resultado disso. Embora esta reflexão que proponho não seja nova ao autor, talvez tenha lhe faltado se debruçar sobre as ambivalências e multiplicidades da experiência intelectual acadêmica para o desenvolvimento de sua perspectiva bastante dura apresentada nessa ocasião. Empregando aqui Fred Moten via o próprio Galdino: “é preciso pensar (...) saídas que desafiam, de maneira incessante, a ocasião natal em geral, mesmo quando sugerem o que é prévio.” (Moten *apud* Galdino, 2024, p. 171)

Nesse sentido de disputa que atualiza o devir, apresento minha segunda crítica: há diversos debates realizados com mulheres na obra (foram elencadas Denise Ferreira, Sylvia Wynter, Lélia Gonzalez, Alessandra Raengo e Anne McClintock, havendo outras), embora sem que haja desenvolvimentos acerca de perspectivas de gênero. Debater com mulheres nos termos próprios de seu autor (cismasculino) não produz um movimento em direção às perspectivas generificadas. Embora seja possível aludir à problemática derridiana da falha constitutiva em listar indefinidamente o que falta, havendo sempre um devir em aberto que acompanha a inapropriação total do sentido, penso que debates acerca das feminilidades, em específico aquelas negras, são campos férteis e suficientemente desenvolvidos para permanecerem tão silenciados como o foram no livro.

3. Melancolia de arquivo e melancolia pessimista

Os dois últimos capítulos do livro estão interconectados via melancolia: o capítulo quatro acena para o que poderia ser criado para além da obsessão com os arquivos da escravidão: “nosso problema é a organização melancólica de nosso olhar para o passado, que nos faz repetir, para o delírio das audiências brancas, que somos ainda o ser-possuído do passado. Sim, pode ser que, em parte, sejamos mesmo, mas e daí?” (Galdino, 2024, p. 220) Já o último capítulo tende a corrigir más leituras fanonianas a partir de um debate com versões do afropessimismo, fazendo deste uma modificação melancólica do diagnóstico atribuído a Hartman.

A análise inicial incide sobre as possibilidades múltiplas de nomes na experiência de sujeitos em diáspora – aqueles que não pertencem completamente a lugar algum. Se isso é, de um lado, um sintoma de sofrimento, Galdino se move até encontrar possibilidades de refundações mitológicas outras a partir dessa ausência histórica e da

contingência da nomeação fictícia. Sem conseguir retornar ao que nunca pôde ser vivido, ou mesmo sem ter acesso ao que foi vivido no passado, o autor propõe habitar o lacunar de forma produtiva, reimaginando outros mitos genéticos. Se raça é um, a multiplicidade de seres-racializados permanece em devir: “todas as pessoas racializadas podem decidir o que fazer com a sua genealogia perdida. Nem todas carregam tão intensamente o trauma de uma perda da própria perda.” (Galdino, 2024, p. 147)

Considerando inegável a percepção do tempo que não passa (como um único evento de longa duração – Christina Sharpe; ou como o racismo cotidiano que reproduz o trauma de uma história colonial coletiva – Grada Kilomba), o autor não nos propõe uma fuga completa da determinação histórica, mas a consideração de como os seres-racializados excedem a imposição da raça na partilha (pós-)colonial.

Tal reflexão incide sobre os arquivos: sua demonstração é que a marca do encontro com arquivos pode ser profundamente melancólica ao ser definida pela pergunta “como se faz o luto de um evento interminável?” Galdino se coloca contra Saidiya Hartman, que, acorrentada aos arquivos, alimenta-se das ausências documentais para fabular histórias impossíveis, respondendo ao silêncio dos documentos. Nesse âmbito, diagnostica Galdino: “essa melancolia [de Hartman] reside no fato de que, apesar da ausência e do silêncio, há uma recusa em deixar as figuras do passado *no* passado. Elas são convocadas a todo momento para que digam algo sobre o presente, para que digam ‘nós’.” (Galdino, 2024, p. 164) Hartman é contraposta a Stephen Best, com o qual Galdino se alinha – e leva consigo Fanon:

Ele não vê motivos para fazer de seu fracasso algo útil, algo a ser trabalhado para oferecer uma compensação qualquer. Nesse caso, a aceitação da perda, para Best, é a aceitação de uma ‘*obliteração do outro*’ sem a qual ele não existiria – “*não há passado alternativo que resultaria na minha existência*”. E só. Vida que segue, sem dívidas, sem insistir no passado como se ele nos demandasse alguma coisa, como se houvesse uma tarefa que realizássemos em seu nome, sem saber de suas vontades: afinal, o silêncio dos arquivos é o silêncio dos fantasmas em mais de um sentido: em todos eles. (Galdino, 2024, p. 164)

Não deve haver uma filiação melancólica com as figuras do passado. Ele se pergunta se a despossessão, enquanto fato inegável, deve fornecer um senso primário da existência negra, habitando o vazio inicial operado pela raça de forma a cultivar o reino das metamorfoses, da errância e do desvio (Galdino, 2024, p. 170). Uma proposta de luto no lugar da melancolia, fazendo com que o presente dos seres-racializados seja *deles*.

De certa forma, o derradeiro capítulo elabora uma costura entre Fanon e Michel Foucault, em específico sobre a ontologia crítica de nós mesmos que aparece com bastante força nos últimos cursos foucaultianos sobre cuidado de si. Em minha interpretação, recupero, em específico, a proposta filosófica que pretende se desenvolver mais como uma atitude (éthos) do que um acúmulo de doutrinas, atitude que analisa os limites que nos são impostos, bem como produz exercícios (áskēsis) de possíveis atravessamentos de tais limites – modos de desidentificações estratégicas.

Seu alvo principal no afropessimismo parece ser Orlando Patterson (embora Frank B. Wilderson III e outros sejam também citados) e seu conceito principal de morte social. Novamente, Galdino se alia a Fred Moten e Stefano Harney em sua crítica que aponta como o afropessimismo dá atenção excessiva à violência. Seu exercício constitui-se em ressaltar, em outro contexto, o devir em aberto das multiplicidades de seres-racializados diante do um da raça como forma imaginal, afastando os sujeitos empíricos de uma suposta incorporação plena da identidade racial negra.

Seu terreno argumentativo se alarga com a disputa pela apropriação fanoniana: para Galdino, não há uma reconstrução ontológica da nadificação no pensamento do autor, como leem os afropessimistas. Se historicamente a metafísica filosófica é orientada à conquista de uma segurança captada pela essência, em Fanon, a essência é aquela imposta pelo outro em suas invenções do ser-negro como cultura estática, vazia e desumanizada. Para Galdino, ao assumir como negra a metafísica essencialista imposta pelos brancos, assumindo para si a nadificação, o afropessimismo emula o branco.

Se “não é possível *ser* inteiramente o que a ontologia branca diz; pouco importa se estamos falando do ser-negro ou do ser-branco” (Galdino, 2024, p. 196), então “a figura do *nada* não pode ser negra a não ser que queiramos que seja.” (Galdino, 2024, p. 199) Habitar esse espaço lacunar – a lacuna sendo outra figura geográfica proposta – entre o que as normas fazem de nós e o que fazemos com aquilo que as normas fazem de nós é a condição da crítica. Por isso, “capturar o sujeito do passado colonial de modo infalível não pode ser pré-condição para o pensamento crítico e para a ação dissensual.” (Galdino, 2024, p. 208) Retomando o cuidado de si no exercício ascético de monges e monjas do deserto no início do cristianismo, Galdino nos lembra que “o exercício crítico dissensual não depende de um conjunto fechado de normas, mas de um olhar reflexivo generoso, capaz de se surpreender, de ser surpreendido em sua insensibilidade, de deslocar a si sempre que necessário e sempre que a situação assim o exigir.” (Galdino, 2024, p. 208)

A crítica da ontologia se converte, com isso, em uma ontologia crítica de nós mesmos, isto é, no refletir contínuo das normas em nós, algo que abre um espaço para a criação não exatamente de *uma* imagem do ser-negro, mas de “múltiplas *imagens* [da noite, ou] *(do) que somos.*” (Galdino, 2024, p. 205)

A obra de Galdino, portanto, revela ser uma grande contribuição aos estudos sobre raça na filosofia, produzindo o precioso vínculo entre dialética fanoniana e estudos desconstrutivos ao posicionar a raça como uma forma de ser em devir, propondo uma atenção à temporalidade (deixar o passado no passado) como um projeto ontológico-político. A obra carece, contudo, de uma abordagem mais crítica, ou um olhar mais generoso, sobre os problemas enfrentados e as soluções encontradas no presente da vivência racial, conforme exposto.

Declaração de conflito de interesse

A autora declara que não há conflito de interesse.

Declaração de disponibilidade de dados da pesquisa

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Declaração de uso de IA

Não houve utilização de ferramentas de Inteligência Artificial.

Referências bibliográficas

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu, 2020.

FERREIRA DA SILVA, Denise. **A dívida impagável**. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

- GALDINO, Victor. **Imagens da noite: ensaios sobre raça e racialização**. São Paulo: GLAC Edições, 2024.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988/2020. p. 127-138.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983/2020. p. 75-93.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. São Paulo: Cobogó, 2019.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.
- MCCLINTOCK, Anne. **Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- MOTEN, Fred; HARNEY, Stefano. **Subcomuns: planejamento fugitivo e estudo negro**. São Paulo: Ubu, 2024.
- RAENGO, Alessandra. **On the sleeve of the visual: race as face value**. Hanover, New Hampshire: Dartmouth College Press, 2013.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- SCHWARZ, Annelise. Raça é imaginária. E daí? **Revista Rosa**, v. 12, n. 1, 2025. Disponível em: <https://revistarosa.com/8/raca-e-imaginaria>. Acesso em: 12 jun. 2026.
- SHARPE, Christina. **No vestígio: negridade e existência**. São Paulo: Ubu, 2023.
- WYNTER, Sylvia. **Black Metamorphosis: New Natives in a New World**. Nova York: Institute of Black World Papers, Schomburg Center of Research in Black Culture, [197-]. Datilografado. Não publicado.

Book review: GALDINO, Victor. *Imagens da noite: ensaios sobre raça e racialização* [Images of the Night: Essays on Race and Racialization]. GLAC Edições, 2024. 256 p.

Abstract: This text analyzes *Images of the Night – Essays on Race and Racialization* (2024), by Victor Galdino, highlighting his philosophical proposal to think of race as an imaginal form, distinct from the processes of racialization and racialized subjects. The work adopts an essayistic and experimental writing style, articulating epistemological, aesthetic, psychoanalytic, political, and historical perspectives to investigate how race operates as a management technology that dehumanizes and produces meanings. Throughout the text, Galdino critically engages with Fanon, Hartman, Rancière, Mbembe, and Afropessimism, questioning essentialist conceptions, the centrality of violence, and the melancholy linked to the archives of slavery. The author proposes shifting the focus from fixed identity to the multiplicity and becoming of racialized beings, defending a critical ontology oriented towards openness, imagination, and the abolition of race as a form. The reading emphasizes the coherence between form and content, as well as the tensions and limits of the proposal.

Keywords: Race, Imaginal form, Aesthetics.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.